

Jornal de Leiria

O SEMANÁRIO DA REGIÃO E DO DISTRITO

Semanário Regional | Director **José Ribeiro Vieira** | Director - Adjunto **João Nazário**

Ano XVI | Edição 1278 | 8 de Janeiro de 2009 | Preço 1 Euro IVA incluído | **JORLIS-Edições e Publicações, Lda.**

Rua Comandante João Belo, nº 31 Apt.1098 2401-801 Leiria | Tel 244 800 400 | Fax 244 800 401 | geral@jornaldeleiria.pt | www.jornaldeleiria.pt

Carlos
joalheiro



Ouro-Relógios
(Usados)
Compra
A dinheiro e a pronto

Av. Heróis de Angola, 109 Leiria

Jovens procuram novas perspectivas de futuro

Nova geração cigana troca feiras pela escola

Estudar passou a ser um investimento valorizado pelos elementos mais jovens da comunidade cigana, que não querem seguir as passadas dos pais a vender em feiras e mercados. E se, há uns anos, os mais velhos não permitiam que as mulheres fossem além da antiga 4ª classe, hoje as ciganas começam a dar os primeiros sinais de emancipação. **PÁGINA 6**

Concurso sem efeito

Câmara mantém intenção de ter centro comercial



REGIÃO

Leiria
PSD nacional
pressiona
Damasceno a
recandidatar-se

PÁGINA 13

Pombal
Mais
estacionamento
gratuito
na cidade

PÁGINA 8

Caldas da Rainha
Bordalo Pinheiro
aberta
sem garantir
salários

PÁGINA 23

Gary Gleason, especialista em gestão de emergências

“Portugal é uma parte esquecida do mundo”

ENTREVISTA PÁGS. 16 E 17





Gary Gleason, especialista em gestão de emergências

“A costa é uma fronteira pouco protegida”

Textos: Jacinto Silva Duro Fotos: Ricardo Graça

Especialista em assuntos relacionados com a protecção civil, o norte-americano Gary Gleason foi professor convidado no curso de Protecção Civil do Instituto Politécnico de Leiria. Afirmo que os acidentes naturais são mais fáceis de prever do que os ataques terroristas, embora mais poderosos e com consequências mais devastadoras. Gary Gleason diz ainda que Portugal é um país que os turistas americanos e mexicanos adorariam conhecer

Como foi trabalhar no *Ground Zero* do 11 de Setembro?

Estava numa conferência no Colorado quando vi o segundo avião embater nas torres. Foi quando percebi que se tratava de um ataque terrorista. Em duas horas, fui mobilizado e estava a trabalhar nos destroços do *Ground Zero* [no local onde se erguiam as Torres Gémeas]. Penso que, naquele momento, muitas pessoas, nos Estados Unidos e em todo o Mundo, queriam ajudar e fazer algo. Senti satisfação por ter um papel activo na tentativa de

solução do desastre. Numa situação destas, a informação, que era a minha função, é tão importante como a água, comida ou abrigo.

Duas horas foi muito pouco tempo para mobilizar e enviar uma equipa.

O FEMA – serviço de protecção civil norte-americano onde eu estava integrado – conta com um quadro de pessoas que funcionam como os reservistas das Forças Armadas, que são chamados e enviados para os locais de desastre.

O que é mais fácil? Lidar com terroristas ou desastres naturais?

Depende da fase do processo. Em termos de prontidão, é igual. Em termos de prevenção, é mais fácil lidar com acidentes relacionados com a natureza, pois são mais fáceis de prever. Conseguimos perceber onde é mais provável a ocorrência de fogos ou inundações, as zonas sísmicas e quais os passos a dar para minimizar os estragos. Em termos de resposta, os acidentes naturais são mais complicados e poderosos. Temos visto

ao longo dos tempos, em termos de gestão de emergências, que as pessoas só se focam na última guerra, em vez de preverem a próxima. Trazendo isto para a realidade portuguesa: os fogos em 2004 e 2005 foram devastadores e agora as atenções estão todas voltadas para os incêndios mas esquecem-se outros riscos. Mas isso é normal. Nos EUA, depois do 11 de Setembro, todas as atenções se voltaram para o terrorismo e, de repente, aconteceu o furacão Katrina.

Quais são as principais diferenças entre o FEMA e a nossa Protecção Civil?

Tive a oportunidade de conhecer o vosso Serviço de Protecção Civil e outros gabinetes de emergência em Espanha, Alemanha e Holanda e o centro de coordenação internacional da União Europeia, na Bélgica, e percebi o quão estreitamente ligados à cultura estão as estruturas de socorro. São inseparáveis em muitos aspectos. Em Espanha e Portugal ainda é tudo muito provincial, na medida em que os serviços ainda assentam num modelo medieval e as autarquias e governo civil têm uma maior autonomia. É positivo que as pequenas comunidades tenham os seus próprios sistemas e modos de actuar em emergência, mas em desastres em grande escala, a harmonização, acelera a rapidez da resposta. Nos EUA, há uma maior supervisão nacional e standardização do sistema. Esse é um dos problemas da Europa: descobrir como criar harmonização. Todas as nações têm a sua cultura e costumes e não aceitam que venha alguém de fora, como a UE, ensinar-lhes o que fazer. A harmonização de processos foi a principal alteração nos EUA, depois dos grandes incêndios florestais de 1984, onde morreram várias pessoas, e do despenhamento do *space shuttle Challenger*, quando os serviços do Estado da Florida colidiram com os da NASA. Foram criados planos e manuais nacionais, que abrangem todos os estados federais e, acima de tudo, investiu-se em exercícios conjuntos.

Há cerca de um mês, houve um simulacro de sismo em Lisboa, que mostrou falhas graves em termos de comunicação e cooperação entre várias forças de segurança. Como se pode ultrapassar estas situações?

As comunicações e coordenação serão sempre as principais falhas em situações de catástrofe. Um dos problemas estruturais portugueses é a existência de várias áreas de responsabilidade atribuídas a departamentos diferentes: a GNR faz a vigilância, os bombeiros a resposta, o planeamento e treino está a cargo do SNB. Era importante que se fizesse mais trabalho e exercícios conjuntos para ajudar a construir comunicação e coordenação. Pode-se dizer que as coisas não funcionam nos exercícios, mas é através deles que se percebe o que está errado e se criam soluções, laços e confiança. Não é do meio

dos desastres que se faz este trabalho. No simulacro de Lisboa, não foram convidados serviços dos concelhos vizinhos que, caso se verifique um sismo, serão igualmente afectados ou poderão ser essenciais no apoio à população, pois é provável que os serviços de socorro de Lisboa fiquem inoperacionais.

A linha de costa portuguesa é frequentada por navios que transportam petróleo, cargas químicas e radioactivas perigosas. Podemos estar descansados com as medidas de segurança?

Nunca podemos estar 100% confiantes que um acidente não irá acontecer. O máximo que podemos fazer é ter fê nas políticas internacionais de transporte e nas pessoas que os efectuam. Mas os humanos são seres imperfeitos e mesmo que todos tenham as melhores intenções, as coisas podem correr mal. Por isso, devem ser feitos planos para o caso de se verificar um derrame de petróleo ou radioactivo, ou outros acidentes que possam vir do interior do território. A costa é uma fronteira pouco protegida, parece-me, mas para os portugueses ela é mais uma ponte para os vizinhos de além-mar. É uma concepção que resulta do contexto histórico dos exploradores marítimos. Sendo uma ponte para os outros, também o é para o tráfico de drogas, que dali acede ao resto da Europa, e todos os restantes problemas que lhe estão associados como as armas, o terrorismo e o tráfico de seres humanos.

Diz-se que, no caso dos incêndios florestais, os portugueses são mais reactivos que preventivos e que pouco é feito antes da época de fogos para os prevenir...

Está-se a investir mais em prevenção. Por exemplo, em Cascais, foram limpas grandes áreas, com remoção dos ramos mais baixos das árvores, de modo a criar zonas livres e impedir que o fogo suba às copas. Em Pombal há um programa muito agressivo para obrigar a limpar os terrenos, de tal maneira que se os proprietários não o fizerem a câmara limpa-os e manda-lhes a conta. Mais vale prevenir que remediar. Infelizmente, não me parece que haja grande vontade de aplicar tais medidas nos 18 distritos. ■



Quando disse a algumas pessoas que ia para Portugal, perguntaram-me se já tinha estado antes na América do Sul...

“Portugal é uma parte esquecida do mundo”

Até agora, o que mais gostou em Portugal?

Castelos, vinho comida, pessoas, a história são as coisas que mais gostei. Portugal não está no mapa. Há dias, procurei Lisboa, no organizador electrónico de viagens *Mapquest* e não apareceu nada. Portugal, literalmente, não existe. Qualquer terreola em Espanha ou na Holanda aparece, mas Portugal é um espaço vazio. Nem sequer aparece nos sites de meteorologia mais usados. É uma parte esquecida do Mundo. Quando disse a algumas pessoas que ia para Portugal, perguntaram-me se já tinha estado antes na América do Sul... Os EUA e México são mercados turísticos a explorar, já que há tão pouca informação sobre Portugal. Os mexicanos ricos da Cidade do México iriam adorar o País. Mas é preciso algum cuidado para manter a riqueza cultural portuguesa e não torná-la num produto apenas para turistas.

Qual é a sua impressão sobre os alunos portugueses?

São muito bons e adorei dar-lhes aulas. Foi uma mudança importante para mim. Nos EUA, costumo falar em seminários para pessoas que estão a meio da sua carreira na protecção civil e que pretendem mais formação, pelo que trabalhar com alunos entre os 18 e 22 anos, programar e avaliar trabalhos com eles tem sido gratificante. Além disso, o Curso de Protecção Civil do Instituto Politécnico de Leiria é um dos três que existem em Portugal e um dos melhores, com estudos de Matemática, Química e todos os elementos básicos da disciplina. Espanha não tem nenhum e há poucos países na Europa que os têm. É uma ideia nova e muito importante.

Estamos a alguns dias da tomada de posse de Barrack Obama. O que espera dele como presidente?

Tenho grandes esperanças nele. Muita gente olha-o como o “Salvador”. Penso que ele será um excelente presidente. Não esperava ver a cobertura noticiosa

que foi feita da eleição, aqui na Europa. Mas o que me surpreendeu mesmo foi, depois da eleição, a mudança da perspectiva dos europeus, que não era nada favorável durante a administração Bush, para com a América. Outra coisa que me surpreendeu foi a importância que deram ao facto de Obama ser negro.

Havia expectativas sobre se o próximo presidente dos EUA seria uma mulher ou um negro.

Penso que, na eleição, pesou mais a relação de Hillary Clinton com a família Clinton do que

Esse processo contribuiu muito para a primeira eleição de Bush e “derrota” de Gore, mas tem a sua razão de ser. Quando o sistema foi criado, havia muitas pessoas que não sabiam ler e escrever e que também não se importavam muito com as eleições. A distribuição de votos é feita de modo proporcional, mais ou menos da mesma forma no Congresso (Parlamento). Na prática, pode-se ganhar o voto popular, mas mesmo assim perder as eleições. Muitos americanos não concordam com o sistema e gostariam de o ver alterado. Muitos

ções tiveram início, naquele local.

Depois do crash da bolsa dos anos 30 e desta crise que agora nos afecta, acredita que os magos da alta finança aprenderam alguma lição sobre a honestidade nos negócios?

Depois do 11 de Setembro, houve uma desaceleração da economia, com muita empresas a serem obliteradas do mapa, mas o sector público não deixou de investir. Desta vez, contudo, as agências governamentais cortaram muito rapidamente nas suas despesas. Parece-me que, tanto



o facto dela ser mulher. Mas mais importante que Obama ser negro é o facto dele ser uma pessoa inteligente e íntegra.

Os EUA costumam ser indicados como um país democrático, contudo, não seguem a política de uma pessoa, um voto...

Existem colégios eleitorais. É uma solução arcaica introduzida há mais de 200 anos. Um grupo reduzido de pessoas representa uma comunidade e um número de votos mais alargado.

mas não o entendem, mas é óbvio que uma tentativa de mudança iria trazer muita oposição e críticas das estruturas que pretendem manter o poder.

Acredita que veremos, em 2009, uma retirada do Iraque?

Não acredito que seja possível retirar do Iraque sem criar um vazio de poder na região que conduzirá a maiores problemas no Médio Oriente. Trata-se de uma zona onde, ao longo de toda a história, tem havido atritos. Desde que as primeiras civiliza-

ções tiveram início, naquele local. Depois do 11 de Setembro, houve uma desaceleração da economia, com muita empresas a serem obliteradas do mapa, mas o sector público não deixou de investir. Desta vez, contudo, as agências governamentais cortaram muito rapidamente nas suas despesas. Parece-me que, tanto



“A minha religião é o amor, a minha Igreja é a Natureza”

Nasceu em 1962, em Denver, Colorado, e especializou-se em comunicações em cenários de catástrofe. Gary David Gleason foi um dos primeiros enviados pelos serviços de protecção civil norte-americanos ao *Ground Zero*, as Torres Gémeas de Nova Iorque. Presidente da empresa de projecção de planos de emergência *Comuniqué USA*, fala Castelhano, Francês e está a aprender Português, que lhe foi útil durante os três meses que passou a dar aulas no Instituto Politécnico de Leiria (IPL). A aventura portuguesa começou quando o IPL se candidatou a um subsídio, através da *Luso-American Educational Commission*, para a contratação de um especialista em Protecção Civil. O escolhido foi Gary Gleason, através do *J. William Fulbright Program's Council for the International Exchange of Scholars*. O docente juntou-se assim, durante o primeiro semestre do ano lectivo 2008/2009 aos 700 professores do quadro de docentes do IPL. É fã dos grandes espaços livres e um dos seus hobbies favoritos é descer o rio Colorado, através do Grand Canyon. “A minha religião é o amor, a minha Igreja é a Natureza”, diz citando um dos seus melhores amigos. *Seneca, a historical western adventure*, é o nome da sua primeira peça para o teatro. “É uma maneira de me distrair do trabalho na Protecção Civil. Criar uma peça de teatro não é muito diferente de conceber um plano de emergência ou de planear uma vida. É agarrar nos pedaços das histórias e resolver os conflitos.” ■

O que preparar em caso de acidente natural?

As pessoas acreditam sempre que o mal acontece na casa dos vizinhos e não se preocupam com isso. Mas é um assunto actual, devido às mudanças climáticas e ameaças de falhas de energia generalizadas e prolongadas. A Câmara de Mafra, por exemplo, tem programas para ensinar os adultos e as crianças como reagir. Em primeiro lugar, é importante ter um plano familiar. Se não pudermos voltar para casa, qual é o

local onde nos devemos encontrar? Na praça principal da cidade ou noutra local de fácil acesso? Se esse local também estiver fora de alcance, o local seguinte deverá ser outra cidade nas proximidades. E se isso também não for possível, deve-se eleger um local fora do país. Além disso, em situações de desastre, os sistemas de telefone e telemóvel estarão sobrecarregados e não será possível ligar dentro da área local, mas

é possível fazer um telefonema para outro país, onde habite um familiar. Em casa, é importante ter água, comida e agasalhos para uma semana. Sempre pense que os desastres afectariam mais as pessoas que têm menos dinheiro, mas isso só se verifica nos desastres naturais. Nos causados pelo homem, são as pessoas que têm mais que têm maiores dificuldades. Normalmente, não se abastecem para o mês, pois sempre que preci-

samos de comida ou outra coisa, vão à loja. Outra coisa importante a ter é um *kit* para sobrevivência fora de casa. Isto é: se tiver de sair a correr de casa, que coisas precisa de levar? Aquilo que mais afecta as pessoas é a perda das fotografias da família. Deve-se ter os documentos importantes prontos a serem levados e acondicionados num local onde não serão afectados pelas cheias ou por incêndios. ■